

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 261/2013

EUROPA DO NORTE E DO SUL

A História demarca uma divisão cultural da Europa que vem de muito longe: os valores da disciplina e do trabalho caracterizam os povos luteroc Calvinistas do norte, enquanto os valores humanísticos da tolerância, da vida e da beleza marcam a Europa do sul, católica, romana e ateniense. Há um país, um povo, que fica no meio desta divisão: é a França, celta, germânica e latina. E, claro, há a Europa Oriental que tem outras raízes.

É muito esquemática e simplificadora esta divisão, mas ela se mostra bem presente agora, na crise grave que o Continente está vivendo. Os alemães não aceitam pagar o perdão da dívida dos irresponsáveis perdulários do sul. Os ingleses querem sair da Europa contaminada pelo gigantesco rombo da economia greco-romana-ibérica. Os suecos, outrora campeões da socialdemocracia, têm agora o maior processo de concentração de renda e sufocam a custo uma espantosa rebelião que incendiou durante quatro dias os subúrbios pobres da capital.

Do lado meridional, os países mediterrâneos precisam de ajuda para enfrentar suas calamidades, e tentam negociações sem fim com os mais ricos, sem saber como vão sair do poço fundo. No meio, o Presidente da França, exercitando seu largo e pesado bom-senso, propõe realmente uma novidade: um governo econômico unificado e mediador de toda a Comunidade. Por cima do grande confronto, Francisco, o novo Papa, admoesta com o conselho cristão da política econômica humanizada: não tanta prioridade aos bancos e maior atenção para os desempregados e famintos.

O sul tem muito mais História, desde a Grécia Clássica, o Império de Alexandre, o Império Romano, as grandes navegações dos portugueses e espanhóis, a conquista da América e dos caminhos da África, da Índia e da China, num imenso passado durante o qual os germânicos eram bárbaros ou muito atrasados. Mas é um passado de mais de quinhentos anos e ao curso desses séculos inverteu-se a posição de hegemonia: os germânicos se elevaram culturalmente, unificaram-se a partir de Lutero, a maior figura da sua unidade cultural, e construíram uma grande força militar que parecia ser a sua vocação, da qual Bismarck, o Kaiser Wilhelm e Hitler foram expressões genuínas. Mas além de Bach, Mozart, Beethoven e Wagner, que mudaram a música, foram capazes, os germânicos, de gerar gênios filosóficos e científicos que mudaram o mundo: Kant, Hegel, Marx, Einstein e Freud. E hoje são a maior potência do continente, austera e produtiva, superando bem a França e o Reino Unido depois que se esfacelou o antigo Império Britânico, com a emergência do novo Império americano que o sustenta. E têm ainda, os germânicos, a liderança da filosofia política na figura de Jürgen Habermas, que abre os maiores espaços para o avanço da democracia com a sua razão comunicativa.

Não se pode dizer, nem de longe, nem de brincadeira, que a Europa morre os poucos e está ultrapassada. Mas parece evidente que esta crise atual, tão profunda e duradoura, está querendo dizer algo novo; ou chamar algo novo; algo que não emergirá da grande região do Atlântico Norte mas que surgirá em outros continentes que já tiveram esplendor.

Bem, vou parar por aqui. Não sou profeta nem cientista social. Paro mas não sem antes evocar Fernando Pessoa, tenho um retrato dele aqui à minha frente me chamando. Permitam-me evocar seu maior poema, a "Mensagem", na qual falava de um Quinto Império, de língua portuguesa, que Portugal, como cabeça geográfica da Europa deitada, fitava no horizonte. E a direção do olhar europeu de Portugal vai bem diretamente para o Brasil. Ele não disse, eu que vi.

É uma brincadeira, obviamente, desculpem. Só lembrando, mais, se me permitem ainda, lembrar que os poetas são vates, isto é, vaticinam.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br